

# EVOLUÇÃO POLÍTICA E CRESCIMENTO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

THEREZINHA DE CASTRO

Geógrafo do CNG

## a) *Vila Velha*

Durante o reinado de D. Sebastião, Estácio de Sá desembarcava ao sopé do Pão de Açúcar, “numa terra baixa e chã”, fundando o primitivo núcleo de uma cidade (1565). Passou a chamar-se Vila Velha, quando, Mem de Sá, após vencer os francêses, achou mais seguro transferir a cidade fundada pelo sobrinho para o morro do Descanso, depois denominado São Januário e Castelo (1567). O aldeamento primitivo nada mais era do que um aglomerado de choças circundando uma ermida em louvor à São Sebastião, erguida por Francisco Velho (primitivo morador que deu depois seu nome à praia de Botafogo); aí morreu Estácio de Sá, vítima de flechada venenosa;

## b) *Vila Nova*

A transferência tinha que ser feita, pois a localização da Vila Velha constituía uma exceção. A êsse respeito diz João Ribeiro: <sup>1</sup> “As primeiras cidades do Brasil começam pelos morros e só mais tarde descem à planície e nunca se formam à borda do mar e mesmo nos rios, só nos lugares onde não chega o navio de longo curso — essa é a prudência dos fundadores do século XVI e no seguinte, que foram uma luta interrompida pela posse da terra”.

Vários fatores determinaram esta transferência e entre êles:

1.º — A vantagem que o morro oferecia por ser menos acessível e, por isso mesmo, mais fácil de se defender; se Estácio de Sá não tomou logo as providências em 1565, foi porque o Castelo estava na zona ocupada pelos francêses e defendida pela trincheira de Uruçumirim (atual praia do Flamengo).

2.º — Numa sociedade como a da época, essencialmente agrícola, a vida da cidade estaria condicionada ao desenvolvimento das lavouras e engenhos; para isso era de suma importância o vale formado pelos morros do Castelo, Santo Antônio, São Bento e Conceição, durante muito tempo o celeiro da cidade;

## c) *Primeira fase*

O primeiro governador da cidade foi Salvador de Sá, dono da ilha de Paranapan, denominada Grande pelos francêses e atual Governador. Entregou o govêrno a Cristóvão de Barros (1572), quando o rio passou

<sup>1</sup> “História do Brasil” — pág. 81.

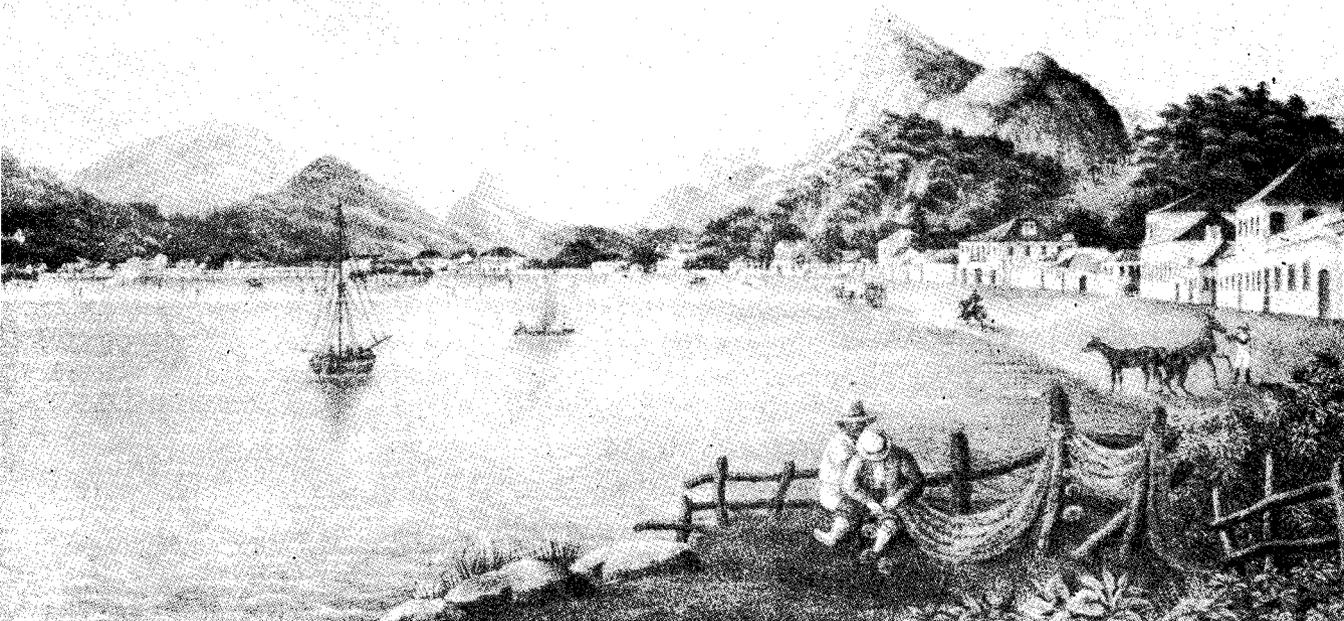


Fig. 1 — Botafogo (C. B. de Okabutz, del)

a ser capital do Brasil sul, evidenciando-se o valor geográfico de sua posição, em relação às terras do sul.

Três ladeiras, origem das primeiras ruas da cidade, ligavam o morro do Castelo à planície. A da Misericórdia considerada “rua mater”, foi a preferida pela aristocracia da época; nela foi instalada a Santa Casa de Misericórdia (1582) e o cemitério público da cidade, levado depois para o Caju (1839) quando se inaugurava a Faculdade de Medicina. A rua Direita, primeira e única paralela ao litoral, por isso mesmo de traçado tortuoso, deve seu nome ao fato de ligar a várzea diretamente ao mosteiro de São Bento; nela moravam os Provedores e depois governadores; o seu nome atual data de 1870, e o de 1.º de março foi para comemorar o aprisionamento e morte de Solano Lopez. A rua São José era a terceira, e possuía uma casa, depósito de africanos importados.<sup>2</sup>

Embora a dualidade de governo tenha sido abolida em 1577, o Rio que havia perdido a categoria de capital, continuava a crescer, notando-se ainda o predomínio da população indígena:

ANO	PORTUGUÊSES	AFRICANOS	ÍNDIOS	TOTAL <sup>(2)</sup>
1585.....	750	100	3 000	3 850

<sup>2</sup> Fonte: — “História do Rio de Janeiro” — DELGADO DE CARVALHO.

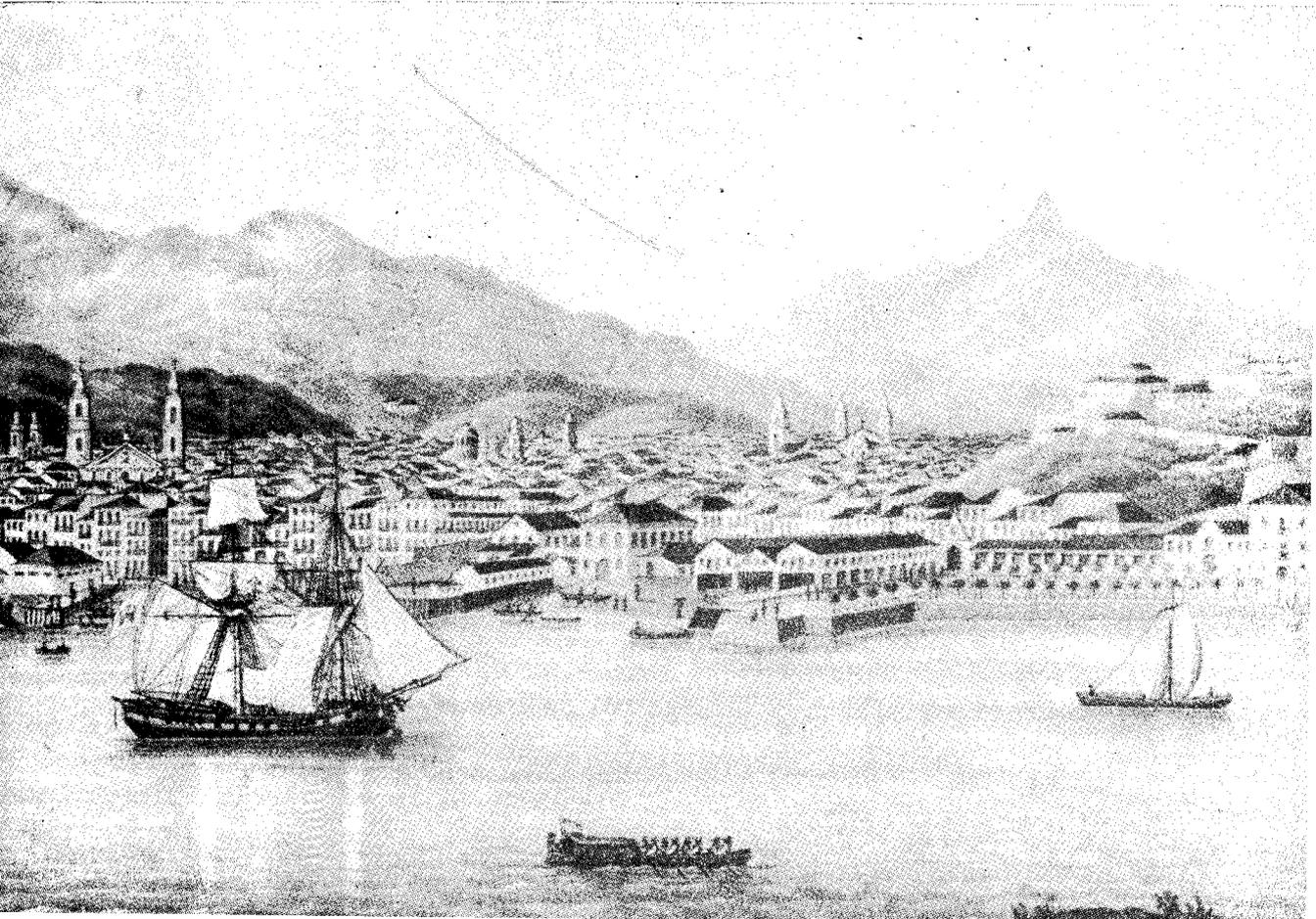
Neste primeiro ciclo de expansão a cidade teve que ver desaparecer lagoas, como a da Carioca, por exemplo, que deixava ilhado o Convento da Ajuda. Construiu-se também a primeira ponte, durante o govêrno de Antônio Salema (1575-78) nas proximidades da atual praça José de Alencar para, atravessando o rio da Carioca poder ligar o primitivo caminho do Catete que, da vertente do morro do Castelo, sempre paralelo à praia, alcançava os engenhos da lagoa do Sacoperapã (atual Rodrigo de Freitas).

Assim diz DELGADO DE CARVALHO<sup>3</sup> — “A importância relativa das diferentes ruas da cidade era determinada por fatores econômicos do momento: a lavoura dos jesuítas no Engenho Velho, as fazendas agrícolas de Rodrigo de Freitas, Catumbi e Mata Cavalos, de um lado e o pôrto das mercadorias ou Pôrto dos Padres da Companhia (hoje rua D. Manuel) do outro. Os caminhos que faziam comunicar êstes diferentes centros, determinavam as ruas de maior trânsito”.

Outras ruas, como a do Ouvidor, por exemplo, assim denominada por ter ido residir lá o ouvidor (juiz de Direito), Manuel Pena de Mesquita Pinto, tinha apenas uma meia dúzia de casas; só com a chegada de D. João passou a ser uma rua comercial, característica que conserva até hoje; foi a 1.<sup>a</sup> rua a ter iluminação à gás (1854) e elétrica (1891).

<sup>3</sup> Obra citada.

Fig. 2 — Vista da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, tirada da ilhas das Cobras. (C. B. de Planitz, del)



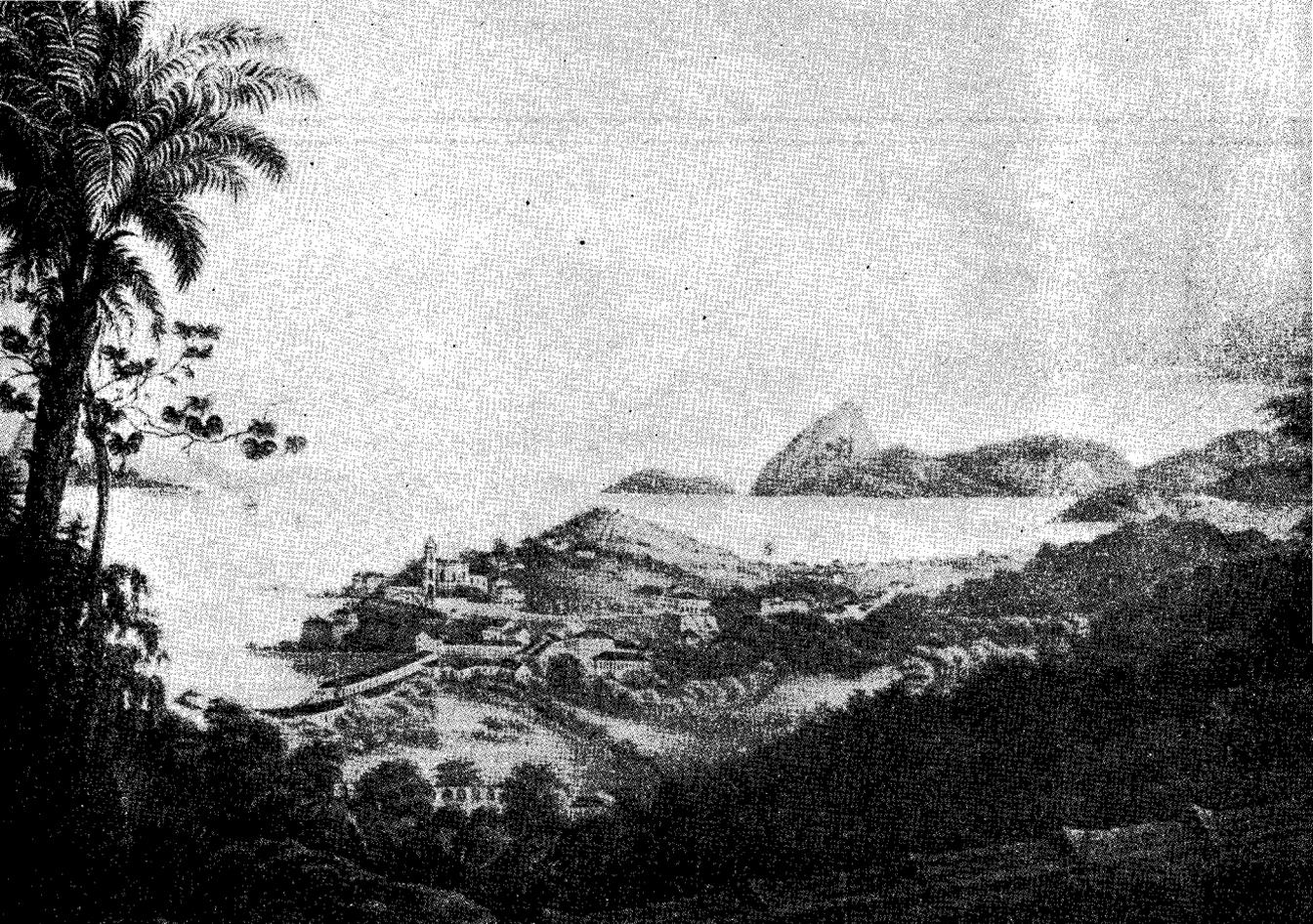


Fig. 3 — Igreja e morro de Nossa Senhora da Glória. (C. B. de Planitz, del)

Coube ao Conde de Rezende tirar inicialmente a cidade das trevas, iluminando as ruas principais à “azeite de peixe”, em lampiões apropriados. Daí deduz-se a importância da pesca que, destinava-se também a alimentação. O carioca daquela época tinha que ser ictiófago, pois sem campos de pastagens suficientes à criação de gado, a carne era escassa para a população sempre crescente. A pesca da baleia se fazia em maio, quando o animal procurava as águas tranquilas da Guanabara para a procriação;<sup>4</sup> outros peixes menores, recolhendo-se aos baixios e recôncavos, facilitavam grandemente a sua pesca.

Quando estabeleceram-se comunicações regulares com São Paulo, tornou-se mais normal o abastecimento de carros à cidade; destacou-se então a rua da Quitanda, aberta com o comércio da carne verde.

A cidade expandia-se em muito de seu núcleo primitivo que, em 1641 terminava na rua da Vala (atual Uruguaiana), assim chamada por ser uma vala de escoamento das águas da lagoa de Santo Antônio (onde hoje está o largo da Carioca); esta lagoa já havia sido aterrada para a expansão da cidade e Gomes Freire (1735-62) mandara, pelo mesmo motivo, por abaixo os muros defensivos do núcleo inicial.

Aproximava-se o 2.<sup>o</sup> centenário e, Gomes Freire de Andrada, administrador dos mais dinâmicos iniciaria a urbanização da cidade que,

<sup>4</sup> Cada baleia fornecia em média 16 pipas de azeite e 15 arrobas de barbatanas; estas últimas, ligadas à Cal do Reino davam às edificações grande consistência.

dentro em pouco, passaria a ser capital do Brasil. Construiu os arcos da Carioca e edificou o Palácio dos Governadores, depois dos Vice-Reis, Real e Imperial, hoje sede dos Correios e Telégrafos; no atual largo de São Francisco iniciou a construção da nova Sé, depois abandonada e, finalmente concluída para ser ocupada pela Escola Politécnica;



Fig. 4 — Rua Direita, atual Primeiro de Março. Cerca 1870. (Foto George Leuzinger) Coleção Ministério das Relações Exteriores. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — Ministério da Educação e Saúde — n.º 10 — 1946.



Fig. 5 — Aspecto do Rio de Janeiro, vendo-se a Lapa, o Passeio Público e o morro do Castelo. Cerca 1865. (Foto George Leuzinger) Coleção Ministério das Relações Exteriores. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — Ministério da Educação e Saúde — n.º 10 — 1946.

d) *No tempo dos Vice-Reis*

Em 1714 fôra o “Estado do Brasil” elevado à categoria de Vice-Reino; por muito tempo a capital continuaria em Salvador. Entretanto, dois fatos contribuiriam para que, a 27 de janeiro de 1763, fôsse o Rio elevado à categoria de capital: o 1.º de caráter defensivo, pois urgia aproximar o centro administrativo do campo de lutas do Prata; o 2.º de caráter econômico, com a descoberta e exploração das minas.

Havia falecido Gomes Freire, governador durante 30 anos e, o Conde da Cunha, recebia ordens para assumir na nova capital o cargo, para onde já haviam sido transferidos tribunais e repartições de superior alçada.



Fig. 6 — *Escola Politécnica e Igreja de São Francisco de Paulo, na Administração Passos. Revista Municipal de Engenharia — vol. 8 — julho de 1941 — n.º 4 — Secretaria-Geral de Viação e Obras.*

Um dos primeiros atos do Conde da Cunha foi o de fechar com lajes de pedra o antigo escoadouro da lagoa da Carioca, já sem função, dando origem assim a rua da Vala (atual, Uruguaiana). Mandou prolongar a rua do Piolho (atual Carioca) que passou a denominar-se rua do Conde (atuais Visconde do Rio Branco e Frei Caneca).

Coube ao Marquês do Lavradio aterrar os pantanais de Pedro Dias, abrindo aí a rua que guarda ainda hoje o seu nome; ligava por sua vez a rua do Conde à de Mata Cavalos (atual Riachuelo).

Luiz de Vasconcelos cuidou do Terreiro do Paço (atual praça 15 de Novembro), onde localizava-se o Palácio dos Vice-Reis, arrematando-o com um cais de granito à semelhança do de Lisboa e removendo para junto do mar o chafariz mandado construir por Gomes Freire. Para

evitar que os escravos fôsem castigados em vias públicas, instituiu no antigo forte de Santo Iago, um calabouço para a punição; êste nome, Calabouço, perdura ainda hoje na nomenclatura da cidade, embora seja outra a sua feição, com a construção do aeroporto Santos Dumont.

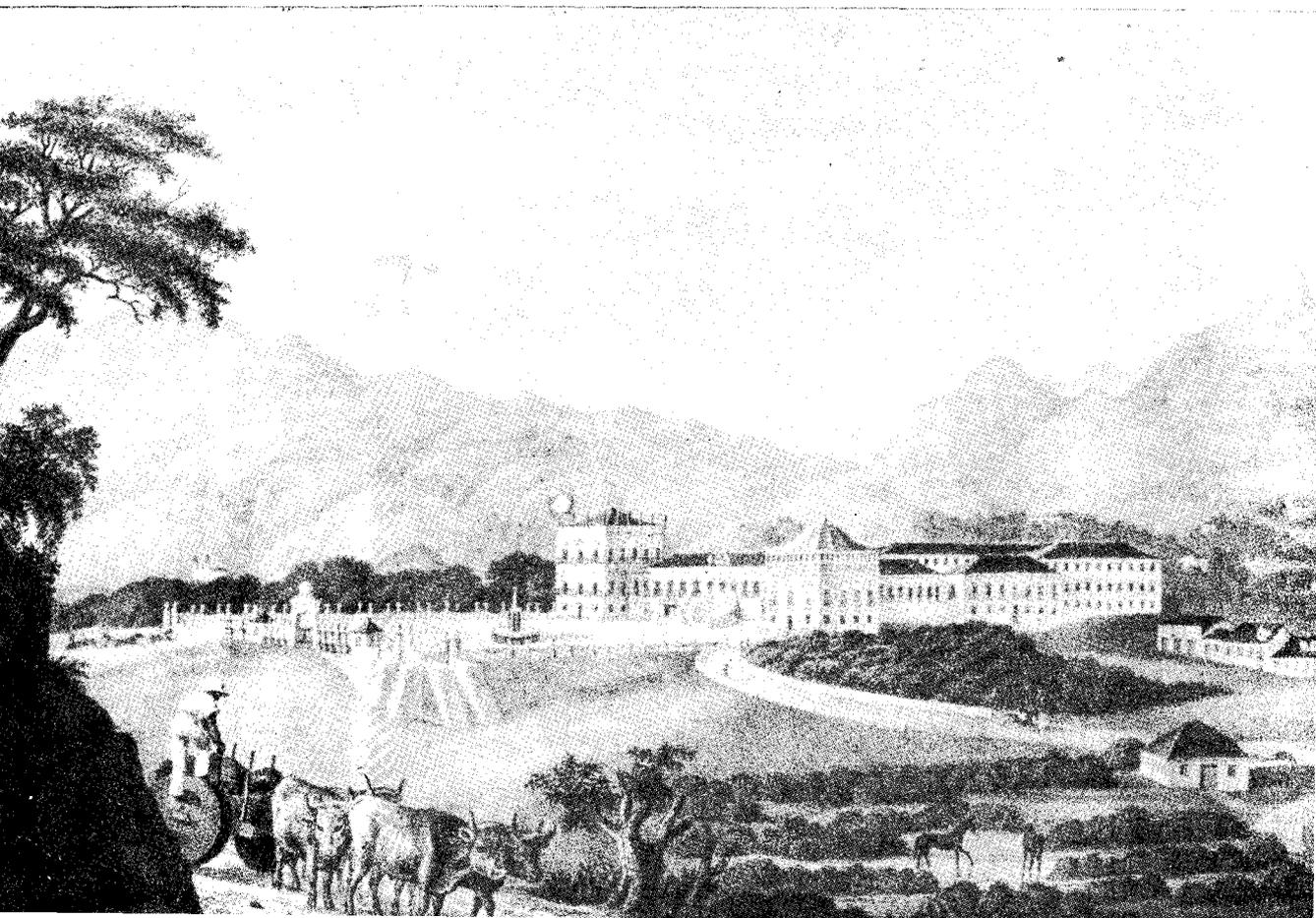
O Conde de Rezende, além de abrir a rua que lhe perpetua o nome, a do Senado e dos Inválidos, fixou os limites do Campo de Santana, que mandou aterrar, obrigando os moradores das redondezas a contribuir com dinheiro e escravos, para o melhoramento;

e) *Sede da Côrte Portuguesa*

O Conde dos Arcos preparou o Rio para receber a Côrte Portuguesa, que trouxe para a cidade nada menos que 15 mil pessoas. Por 13 anos seria o Rio de Janeiro a capital portuguesa (1808-1821) e durante êste período sofreu profundas modificações, “vestindo as roupagens das grandes cidades européias”.<sup>5</sup> O Rio abrangia então uma área que ia ao rio da Carioca e o rio Comprido (na atual Av. Paulo de Frontin). Nos atuais bairros da Glória, Catete e Botafogo, localizavam-se as casas de campo e chácaras. Mas como havia, no centro da rêde urbana, uma vasta extensão de terreno insalubre e pantanoso, tratou o govêrno de D. João de cedê-lo à particulares que se comprometessem à secá-lo e utilizá-lo.

<sup>5</sup> J. DE SOUZA LEÃO — “D. João e os franceses no Brasil” — O Cruzeiro — 31-10-64.

Fig. 7 — Paço do Imperador do Brasil em São Cristóvão. (C. B. de Planitz, del)



Agindo assim diz A. M. Kitzinger “Do campo de Santana e da lagoa da Sentinela, dirigiu-se então a área da cidade pelo aterrado, ou rua das Lanternas (depois Senador Euzébio) através de ruas e praças — formando a cidade nova — para o arrabalde de S. Cristóvão, ocupando o terreno que fôra por todos até essa data desprezado”. Aliás, separado de sua mulher, era em S. Cristóvão, na Quinta da Boa Vista a residência de D. João que tornou-se rei no Rio e aqui, elevou o Brasil à categoria de Reino Unido ao de Portugal e Algarve (1816).

O Rio viu também, durante a permanência da Côrte, transformar-se sua estrutura social e intelectual. Aos poucos foi desaparecendo o contraste entre a austeridade altiva dos senhores de engenho e as maneiras áulicas dos de além-mar. Isto tudo, completado pela fundação de órgãos científicos e culturais como a Escola de Medicina, a Biblioteca Nacional, a Imprensa Régia, o Jardim Botânico, iria dando intensidade à vida, progresso e luxo do Rio de Janeiro, em detrimento da antiga opulência rural brasileira.

#### f) *O Império*

Após a independência, “tôda a história social do Império gira ao redor do predomínio das classes rurais, representadas no Rio de Janeiro pelos grandes proprietários fluminenses, mineiros, paulistas e baianos, com duplo domicílio”.<sup>6</sup>

Passou a ser centro de atração o Rio, que antes da chegada da Côrte não ultrapassava 50.000 pessoas, passou a abrigar 135.000, assim distribuídas (1823).

Portuguêses e Brasileiros .....	25 000 <sup>7</sup>
Pretos .....	105 000
Estrangeiros .....	4 000
Ciganos .....	400
Índios, Caboclos e Mestiços .....	600
<hr/>	<hr/>
Total .....	135 000

Sofrendo já com o aglomerado humano, o Rio foi assim descrito por um cronista da época que se escondia sob o pseudônimo de Constitucional Imparcial — “Existem ainda entre nós pessoas que conheceram a cidade do Rio de Janeiro há 30 anos: mui circunscrita então pelo pequeno número de população, os habitantes tinham mais em proximidade muitos arvoredos que começavam desde a Praça da Constituição e se estendiam além, juntando-se aos que cobriam, dos lados, o caminho de S. Cristóvão... O aumento da população, exigindo que a cidade se estendesse, o luxo, ordenando que nos espaços onde podia haver duas

<sup>6</sup> DELGADO DE CARVALHO — obra citada.

<sup>7</sup> Fonte: — “Iconografia Carioca” — AFONSO E. DE TAUNAY — Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro — Volume 203.

— Se compararmos este quadro ao do ano de 1585, veremos o grande crescimento do número de africanos e a diminuição do elemento indígena.

ou três árvores houvesse uma grande cocheira para 6,7 ou 8 bestas, nos fêz perder as plantações saudáveis que a natureza espontâneamente nos havia dado para defenderem a conservação de nossa saúde... As ruas do Rio de Janeiro eram muito bem assentadas, com certo declive para o mar; com esgotos intermédios, de maneira que, nas grandes chuvas, depois da tormenta, aparecia convidando as meias de seda a sairem sem escrúpulos de se enlodarem". Mas, diz Marcelo Ipanema,<sup>8</sup> "no Primeiro Reinado, com o concurso de representantes de todos os rincões do Brasil, inclusive de estrangeiros que aqui e para aqui vieram, integrando-se todos ao seu viver peculiar de cidade internacional, surgiu a nação que, no Rio de Janeiro, recebeu, ao calor generoso de seus habitantes, os elementos fundamentais de institucionalização".

O crescimento da cidade iria, à partir de 1842 iniciar o primeiro da série de aterros que iria sofrer a baía de Guanabara, na praia D. Manuel e que, só terminaria 46 anos mais tarde. A cidade ultrapassava Botafogo, mas Copacabana, até 1850, era uma praia semi-desértica; coube a José Martins Barros abrindo um caminho (1855) que chamou-se ladeira do Barroso (atual Tabajaras) e depois, Figueiredo de Magalhães, organizando uma linha de diligências (1882) o desenvolvimento inicial dêste bairro, hoje um dos mais populosos do Rio;

#### g) *A República*

Com a expansão para a zona sul, a necessidade que se apresentava não era mais a da aterragem de pântanos, mas a da abertura de túneis. O primeiro dêles foi o túnel Velho (hoje Alaor Prata) concluído em 1891, seguido pelo túnel Nôvo em 1904; de 1937 à 1951 surgiram o Marques Pôrto, o do Pasmado, etc. Os mais modernos são os túneis Catumbi-Laranjeiras, Major Vaz e André Rebouças, obras do govêrno Carlos Lacerda.

A cidade já da praia ascende as montanhas ao fundo, que vão das pedras da Gávea culminar no Corcovado; no alto dêste penhasco foi erguida a estátua do Cristo Redentor com 30 metros de altura, pesando 1 200 toneladas e tôda revestida de esteatita (inaugurada a 12 de outubro de 1931). Já então, desde 27 de outubro de 1912 estavam ligados pelo caminho aéreo (bondinho) os morros da Urca e Babilônia. O casario subia as serras, surgindo o bairro de Santa Teresa e para os subúrbios as favelas (morro da Favela).

Nova remodelação da cidade tem início em 1903, quando chega à prefeitura, Francisco Pereira Passos que, juntamente com Francisco Bicalho e Osvaldo Cruz ficaram ligados à presidência de Rodrigues Alves.

Além das obras no cais do pôrto e da Avenida do Mangue, mereceu destaque especial a abertura da Avenida Central (hoje Rio Branco), pelo engenheiro Paulo de Frontin. Correndo de "mar à mar", esta avenida, larga e reta, tôda arborizada de pau brasil ao centro, teve sua

<sup>8</sup> "O Primeiro Reinado" — O. Cruzeiro — 7-11-1964.

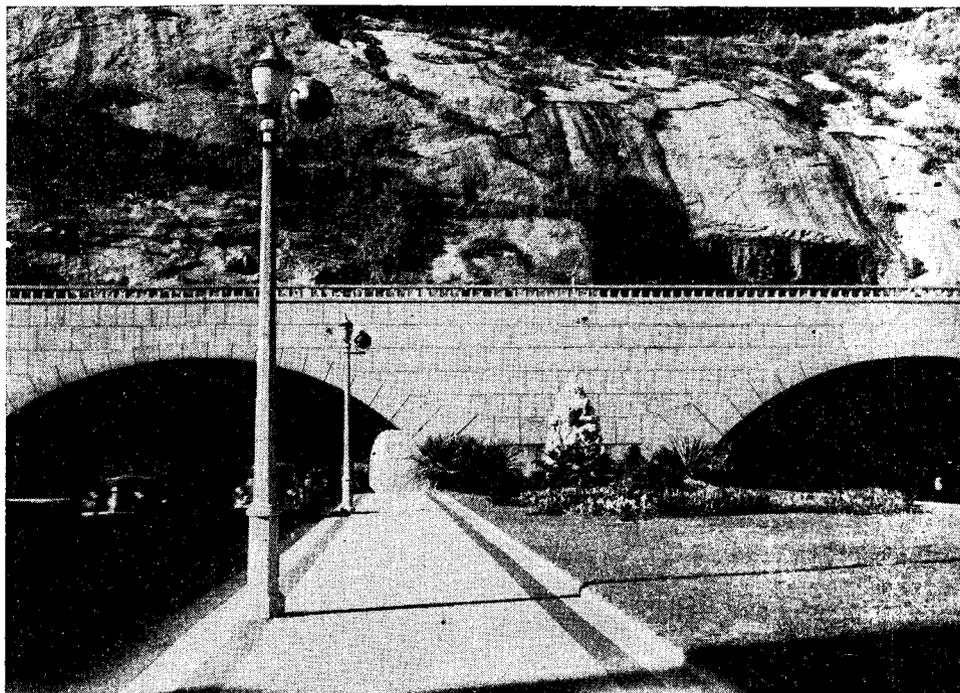


Fig. 8 — Túnel Novo. (Foto CNG)



Fig. 9 — Avenida Central — hoje Avenida Rio Branco — em 1906 — *Revista Municipal de Engenharia* — vol. 8 — julho de 1941 — n.º 4 — Secretaria-Geral de Viação e Obras.

construção iniciada em 1903; com 1 800 metros de comprimento e 33 de largura, dos quais 11 reservados às calçadas, passou a ser artéria mais freqüentada e recebeu, entre outras construções, a do teatro Municipal, da Escola de Belas Artes, Biblioteca Nacional, etc. Além da Avenida Mem de Sá e alargamento de 12 ruas no centro da cidade, entre elas a Avenida Passos, a Uruguaiana, a Treze de Maio, Assembléia, Carioca e São Joaquim (hoje Marechal Floriano, onde em 1837 fundara-se o Colégio Pedro II), deve-se a êsse govêrno a construção de nôvo atêrro, origem da Avenida Beira Mar. Foi ainda notável o trabalho de Paulo de Frontin, ao canalizar a água da serra Velha ao reservatório do Barrelão, dando água à cidade em apenas 6 dias, já que os chafarizes estavam superados.

O Rio de Janeiro, construído entre gargantas de serra, tinha pequena área de edificação: (vide mapa 3) isto explica a tripla tendência da conquista urbana do mar através de aterros, arrazamentos de morros e o avanço para o céu através de altos edifícios. Assim, coube ao prefeito Carlos Sampaio desobstruir o centro da cidade, arrazando o morro do Castelo e ao atual governador Lacerda pôr abaixo o do Santo Antônio com cujas terras dá andamento a nôvo atêrro da baía de Guanabara.

O grande sanitarista Oswaldo Cruz livrou a cidade do flagelo da febre amarela. O Rio passa a ser procurado pelos turistas, daí o govêrno haver promovido a construção de grandes e modernos hotéis dentre os quais sobressairam-se o da Glória e o Pálace Hotel na Avenida Atlântica. Esta avenida, bem como a Beira-Mar foram consolidadas, em virtude das ressacas, quando Alaor Prata estava na prefeitura.

Em 1920 nossa população era de 1 157 000 habitantes. Assim vemos que a população do Rio crescia ràpidamente quando um recenseamento em 1856 acusava 151 000 pessoas, outro em 1872 dá 275 000, chegando a 522 000 em 1890, atingindo 812 000 em 1906.<sup>9</sup> Pelo censo de 1940 possuía 1 781 000 habitantes; em 1950 detinha ainda o pôsto de a primeira em população no país, perdendo-o para São Paulo, quando se realizou o censo de 1960 (3 307 163 habitantes).

Através do quadro abaixo podemos avaliar a expansão da cidade, graças as facilidades dos meios de transportes urbanos, aproximando o centro dos subúrbios mais distantes; isto sem dúvida graças as ferrovias — Central do Brasil e Leopoldina.

PERÍODOS	CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL DA POPULAÇÃO:		
	Urbana	Suburbana	Total
1821-1838.....	13,23	11,53	12,73
1838-1872.....	40,35	3,39	29,59
1872-1890.....	48,04	60,38	50,04
1890-1906.....	29,35	61,97	35,15
1906-1920.....	19,74	67,72	39,58

<sup>9</sup> "Rio de Janeiro" — AFRÂNIO PEIXOTO — Sallo Editôra.



Fig. 10 — A antiga rua do Sacramento, hoje avenida Passos. *Revista Municipal de Engenharia* — vol. 8 — julho de 1941 — Secretaria-Geral de Viação e Obras.

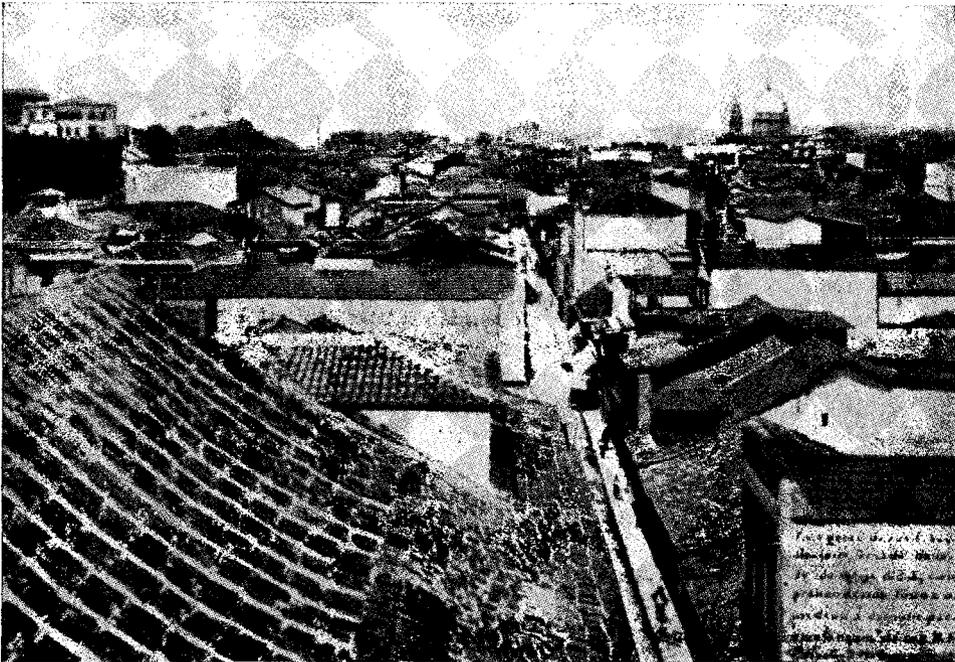


Fig. 11 — Antiga rua Estreita de São Joaquim, mais tarde rua Larga de São Joaquim e hoje avenida Marechal Floriano — *Revista Municipal de Engenharia* — vol. 8 — julho de 1941 — n.º 4 — Secretaria-Geral de Viação e Obras.

Assim sendo, “o Rio não é a reunião de cidades vizinhas agrupadas ou incorporadas, mas sim uma única cidade cujos tentáculos se prolongam pelo simples fato de sua própria extensão”.<sup>10</sup> Estes subúrbios não têm de um modo geral existência própria, independente do centro da cidade; suas vidas se inter-relacionam, pois a população nêles residentes trabalham em geral no centro da cidade. Apesar disso a unidade não impede a individualização lenta dos diferentes centros formados pela cidade do Rio de Janeiro, em virtude da separação imposta pelo relêvo. Em certos bairros, como Copacabana na zona sul e o Méier no subúrbio, o morador já encontra o conforto necessário a seu proviõionamento, seus divertimentos que o desobrigam de vir ao centro da cidade. Mais próximo que o último da cidade, o Maracanã, onde localiza-se o maior estádio do mundo, iniciado por Mendes de Moraes e que está sendo completado pelo govêrno Carlos Lacerda, depende de outros bairros ou do centro da cidade quer para o comércio quer para diversões; é um bairro que apesar de tudo pouco evoluiu.

A atração que o Rio passou a exercer desde a vinda da Côrte, contagiou também diversas áreas do país; a cidade transformou-se num centro cosmopolita. Grande número de nordestinos para cá se deslocou em busca de dias melhores, fazendo surgir as favelas que hoje, com a nova política habitacional do govêrno Carlos Lacerda estão sendo urbanizadas ou então destruídas, sendo seus habitantes encaminhados para a Vila Kennedy, em Bangu. Em virtude desta atração, quer de nacio-

<sup>10</sup> “La remodelation d’une capitale” — Agache — volume I.

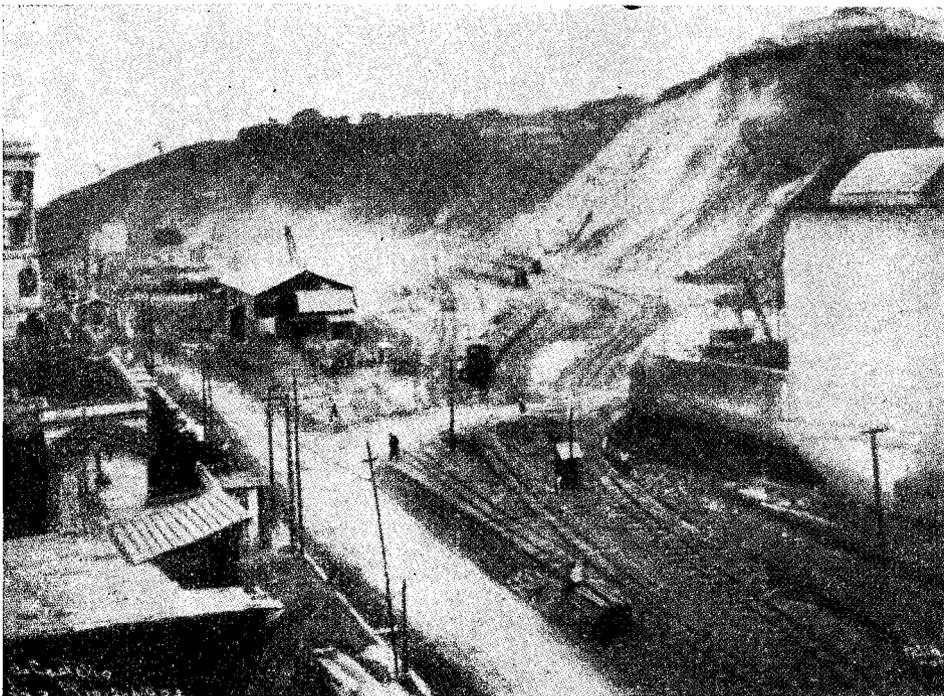


Fig. 12 — Fase do desmonte do morro do Castelo (2-6-1922) — Revista Municipal de Engenharia — vol. 8 — julho de 1941 — n.º 4 — Secretaria-Geral de Viação e Obras.

nais, quer de estrangeiros a cidade foi se tornando acanhada. Suas ruas já não satisfaziam mais às necessidades do tráfego tão necessário em cidades de função política e econômica. O desenvolvimento dos quarteirões excêntricos passou a exigir avenidas principais, linhas mestras que permitissem uma orientação fácil ligando o centro comercial aos subúrbios. Do minucioso plano do arquiteto francês AGACHE, surgiu uma dessas artérias — a Avenida Presidente Vargas. O prefeito



Fig. 13 — Copacabana — avenida Atlântica. (Foto CNG)

na época, HENRIQUE DODSWORTH, disse o seguinte: “A abertura da Avenida Presidente Vargas implicava na demolição das quadras edificadas compreendidas entre as ruas Visconde de Itaúna e General Câmara de um lado, Senador Euzébio e São Pedro do outro. Ao todo 525 prédios, incluindo quatro Igrejas, seis Bancos, o Edifício do Paço Municipal e um Mercado.<sup>11</sup> Hoje, o desfôgo da cidade continua com as demolições e desmonte do morro de Santo Antônio para em seus lugares surgirem as avenidas radiais e perimetrais, auxiliadas pelos túneis e viadutos que vestem com nova roupagem a capital do estado da Guanabara que, em 1965 completa 400 anos de existência.

O Rio precisava de um arquiteto urbanista e êles vão chegando. No dizer de AFRÂNIO PEIXOTO.<sup>12</sup> É nos bairros novos de Copacabana, Leme, Ipanema, Leblon que excederam, pelos túneis, à cidade circunscrita por montanhas e, do outro lado, vieram encontrar novos bairros

<sup>11</sup> “A Avenida Presidente Vargas” — HENRIQUE DODSWORTH.

<sup>12</sup> Obra citada.

da lagoa Rodrigo de Freitas, do Jardim Botânico, da Gávea, e irão ... à Tijuca, subindo a serra pelo lado do mar ... que se manifesta a pujança de crescimento da cidade”;

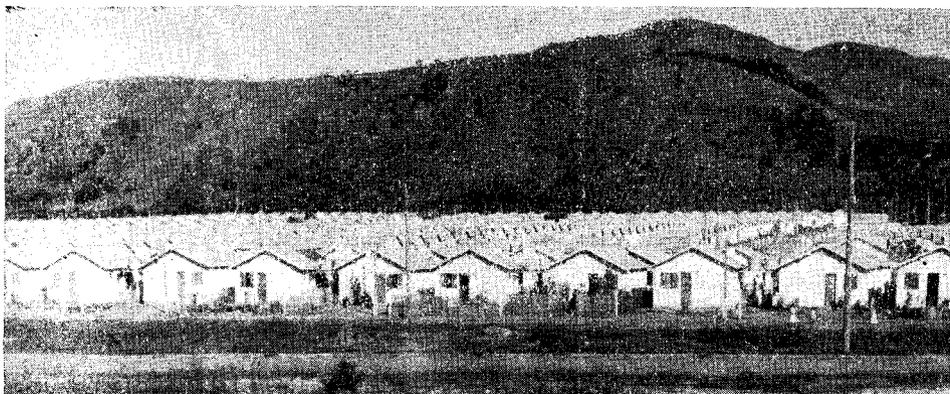


Fig. 14 — Casas proletárias da Vila Kennedy — Bangu. (Foto CNG)

#### h) *Evolução Política*

Em 1763 o Rio passava à condição de capital do Brasil, mas até 1834 ficou indivisa da província do Rio de Janeiro. Assinado o Ato Adicional, a cidade passou a pertencer ao Município Neutro. Apesar disso, ainda em 1862, Fernandes Pinheiro lamentava que, em vez de “carioca”, ao filho da cidade do Rio de Janeiro se lhe chamasse “pela imprópria denominação de fluminense”. Ora fluminense é palavra formada do latim “flumen”, que significa rio e o nascido nesta cidade era fluminense, quer pelo Rio de Janeiro, quer pelo rio da Carioca. Assim o carioca continuou fluminense durante muito tempo; os *Contos Fluminenses* de Machado de Assis, em 1870, eram contos da cidade.

Proclamada a república, a província do Rio de Janeiro decaía com a abolição da escravatura mas o Município Neutro, transformado em Distrito Federal pela Constituição de 1891, ganhara em desenvolvimento e prestígio. O orgulho criou a necessidade e o estado do Rio ficou com o seu “fluminense” passando a serem “cariocas”<sup>13</sup> os nascidos na cidade do Rio de Janeiro. Niterói,<sup>14</sup> que era um dos nomes da baía, ficou privativo da Praia Grande, hoje capital do estado do Rio de Janeiro. Para a baía ficou o uso exclusivo do nome Guanabara,<sup>15</sup> hoje repartido com o estado, nascido a 21 de abril de 1960, com a transferência da capital para o interior.

Invocando apenas o rei português e o santo, São Sebastião não entrou no hábito do povo; durante o Império foi a “Côrte”, no início da República foi a “Capital Federal”. Prevalece hoje o nome do Rio de Janeiro, porém encurtado — Rio, não apenas para os nacionais como para os estrangeiros também.

<sup>13</sup> Na língua nativa significa — “casa de branco”.

<sup>14</sup> Significa — “água escondida”.

<sup>15</sup> O mesmo que — “braço de mar”.

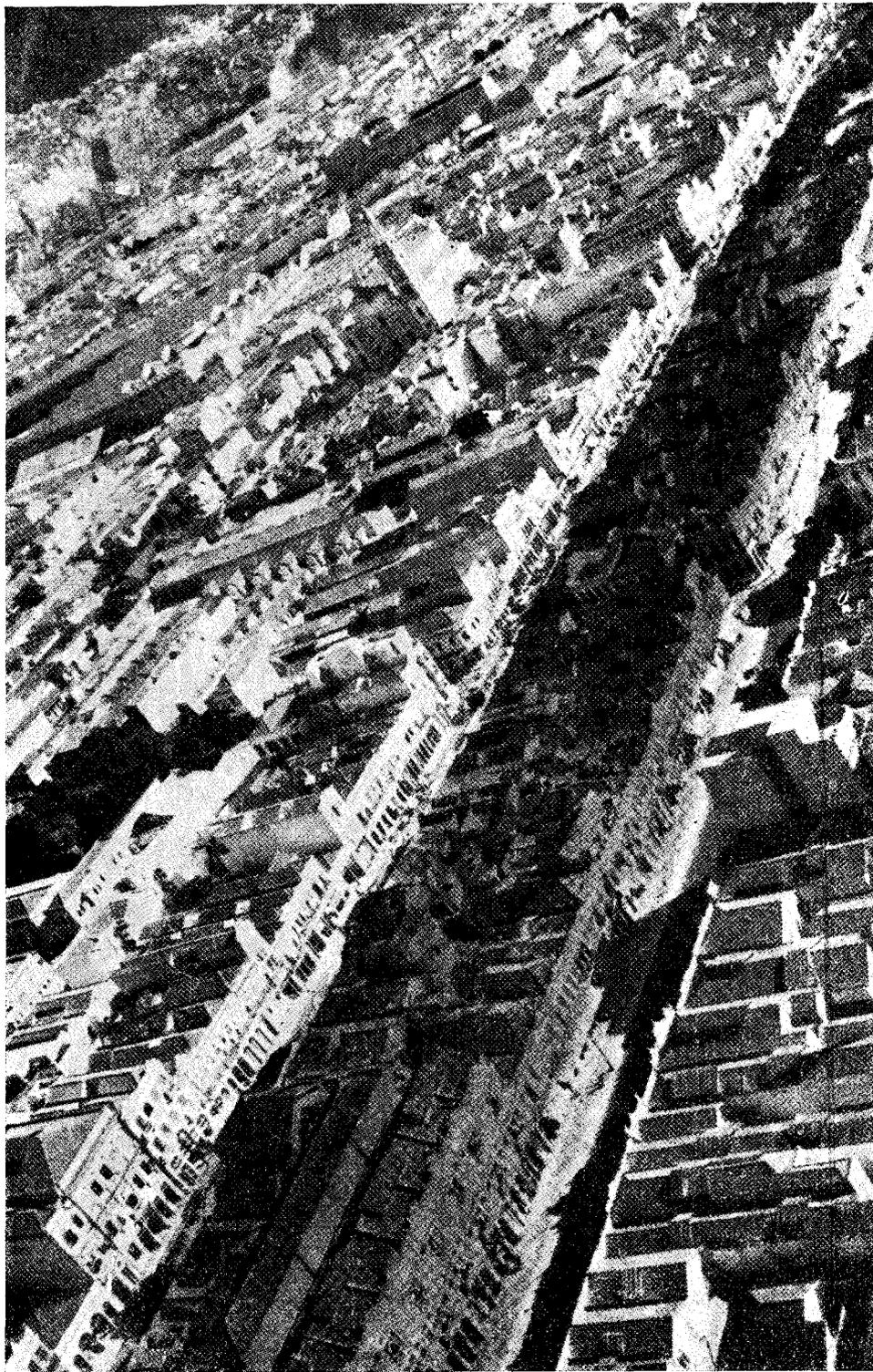


Fig. 15 — Trecho da Praça Onze — Praça da República, antes da abertura da avenida Presidente Vargas — *Revista Municipal de Engenharia* — vol. 8 — julho de 1941 — n.º 4 — Secretaria-Geral de Viação e Obras.



Fig. 16 — Parte da zona sul da cidade, vendo-se no primeiro plano a Praia Vermelha. (Foto CNG)

#### BIBLIOGRAFIA

- DELGADO DE CARVALHO — História da Cidade do Rio de Janeiro — Livraria Francisco Alves — 1926.
- AFRÂNIO PEIXOTO — Rio de Janeiro — Enciclopédia pela Imagem — Livraria Lello e Irmão — Pôrto — 1938.
- HENRIQUE DODSWORTH — A Avenida Presidente Vargas — Imprensa do Jornal do Comércio — Rio — 1955.
- D. ALF. AGACHE — La Remodelation d'une Capitale — "Société Coopérative d'Architectes" — Paris — 1932 — 2 volumes.
- REVISTA MUNICIPAL DE ENGENHARIA — Secretaria-Geral de Viação e Obras Públicas — Volume VIII — N.º 4 — Julho de 1941.
- "O CRUZEIRO" — Conferências.
- PEIRO CALMON — O Rio de Janeiro Tamoio e Francês.
- AMÉRICO LACOMBE — Leal e Heróica São Sebastião do Rio de Janeiro.
- ENÉAS MARTINS FILHO — Nasce a Cidade Maravilhosa.
- MARCCS CARNEIRO DE MENDONÇA — O Rio de Janeiro dos Vice-Reis.
- J. DE SOUZA LEÃO — D. João VI e os Francêses no Brasil.
- MARCELO IPANEMA — O Primeiro Reinado.
- VIRGÍLIO CORRÊA FILHO — O Rio de Janeiro da Regência.
- FRANCISCO MARQUES DOS SANTOS — O Progresso Material no Segundo Reinado.
- ADOLFO MORALES DE LOS RIOS — O Rio de Janeiro da República.
- "ACCNTECEU" — Reportagens.

- C. J. DUORLOP — Fundação do Rio de Janeiro.  
 — O Rio de Janeiro no Século XVII.  
 — Alvorada do Século XVIII.
- VIVALDO COARACY — O Rio de Janeiro no Século XVI.  
 — Capitães-Governadores (1564-1567).  
 — Governadores do Rio de Janeiro no Século XVII.  
 — O Rio de Janeiro no Século XVIII.  
 — Governadores e Vice-Reis no Século XVIII.  
 — O Rio de Janeiro no Século XVIII.
- JEAN DE LERY — Rivièrre de Guanabara.
- JOSÉ DE ANCHIETA — O Rio de Janeiro.
- JOÃO RIBEIRO — História do Brasil — Livraria Francisco Alves — 1909.
- NORONHA SANTOS — Fontes e Chafarizes do Rio de Janeiro — Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — n.º 10 — ano 1946.\*
- AFONSO E. DE TAUNAY — Iconografia Carioca — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — volume 203.
- \* GILBERTO FERREZ — A Fotografia no Brasil e um de seus mais dedicados servidores: Max Ferrez — Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — n.º 10 — ano 1946.
- O RIO DE JANEIRO NA MAIORIDADE — Prefeitura do Distrito Federal — Secretaria-Geral de Educação e Cultura — Biblioteca Municipal — 1958. (litografadas do Barão de Plapitz)

## SUMMARY

Rio de Janeiro, been chose to be the capital of South, when was instituted in Brazil the double system of government, it will finished by been the seat of the whole Territory at 1763, it had lost finally in 1960. It was also by 13 years the seat of the Portuguese's court when it had saw the transformation of its social and intellectual structure.

In its primitive population it had predominated the native aborigine, little by little displaced by the negroes, and in these days, the focal point of citizens from the others areas of Brazil and of the foreign countries, constituting a cosmopolitan center.

Born on a knoll, like the first brazilian's cities went little by little spreading by the slopes, plains to go up again in the others mounts. Finding always the acidental terrenes it had changed its natural aspect just to make possible its growth, razing the hills, covering with earth the lagoons and swamps, invading the Guanabara's bay and, yet opening tunnels and constructing viaducts.

Versão de LÉDA CHAGAS PEREIRA RIBEIRO.

## RÉSUMÉ

Quand le système d'un double gouvernement fut institué au Brésil, la ville de Rio de Janeiro a été choisie pour être la capitale du Sud. En 1763, elle devint l'unique capitale de tout le Territoire. Pendant treize ans la ville fut le siège de la Cour Portugaise, c'est alors que sa structure sociale et intellectuelle se transforma. En 1960, elle laissa d'être la capitale du Pays.

Dans sa population l'élément prédominant a été tout d'abord l'indien, puis peu à peu l'élément noir le supplanta. Etant, aujourd'hui, un centre d'attraction tant pour les habitants des diverses régions du Brésil que pour les étrangers la ville devint cosmopolite.

Née, comme tant d'autres villes brésiliennes, sur une colline en grandissant elle s'étendit sur les versants pour finalement gagner la plaine, mais rencontrant des terrains accidentés elle remonta une autre fois les collines. Pour pouvoir grandir elle du transformer son paysage; des collines furent rasées, des lagunes et des marais comblés, la baie de la Guanabara envahie, enfin on ouvrit des tunnels et on a construit des viaducs.

Versão de OLGA BUARQUE DE LIMA.